

**Ana Luiza Marques Bastos**

(Cátedra Jaime Cortesão/FFLCH-USP – pós-doutorando)

## **Denúncia da decadência, realismo e ânsia messiânica na historiografia portuguesa oitocentista**

*Breve exame das “Causas da Decadência dos Povos Peninsulares” em trabalhos de Antero de Quental e J. P. de Oliveira Martins*

A decadência dos povos peninsulares nos três últimos séculos é um dos fatos mais incontestáveis, mais evidentes da nossa história: pode até dizer-se que essa decadência, seguindo-se quase em transição a um período de força gloriosa e de rica originalidade, é o único grande fato evidente e incontestável que n’essa história aparece aos olhos do historiador filósofo.<sup>1</sup>

Quando as duas nações da Península, exangues e vencidas, se abraçaram como dois cadáveres num campo santo (1580), debalde esperou ainda alguém ver na unidade uma origem de novas forças. Essa unidade existira de fato no pensamento comum. Apesar do regime de um dualismo político, a Europa viu em Castela e Portugal um só corpo animado por um mesmo espírito. [...] Essa união efêmera dura meio século apenas e é estéril. Separadas de novo, as duas nações entram outra vez a par na história que lhes preparam os séculos XVII e XVIII e que nós rapidamente estudaremos antes de concluir a nossa derrota.<sup>2</sup>

A história da decadência dos ibéricos nos séculos seguintes à Descoberta do Novo Mundo “aparece aos olhos do historiador filósofo” e deve ser estudada antes que se conclua a “derrota”. Poder-se-ia assim sintetizar as duas citações, a de Antero de Quental, a segunda conferência das cinco proferidas no Casino Lisbonense em 1871, e a de Oliveira Martins, que integra o livro *História da Civilização Ibérica* publicado em 1879. Os oito anos que separam os dois estudos foram marcados pela aproximação de ambos, apesar da distancia geográfica e da diversidade das condições de vida de cada qual. Tendo necessidade de trabalhar para sustentar a família, a mãe e os irmãos, e recém-casado, Oliveira Martins fora trabalhar na Espanha, onde escreveu *Os Lusíadas. Ensaio sobre Camões e a sua obra, em*

---

<sup>1</sup> Antero de Quental, *Causas da decadência do povos peninsulares nos últimos três séculos*, Lisboa: Guimarães editores, 2001, pp. 16-17.

<sup>2</sup> J. P. de Oliveira Martins, “Causas da decadência dos povos peninsulares”, in *História da Civilização Ibérica*, s/l: Publicações Europa-América, s/d, p. 205.

*relação à sociedade portuguesa e ao movimento da Renascença, Teoria do Socialismo e Portugal e o Socialismo*. Enquanto Quental permanecera em Lisboa até 1873, mantendo-se bastante ativo politicamente, de início, na luta pela retomada das Conferências suprimidas pelo governo, em seguida, na fundação da Seção Portuguesa da Internacional. Por então escreveu “O que é a Internacional?” e esforçou-se na composição do *Programa de Trabalhos para a Geração Nova*. Um extenso epistolário mostra a interação de condutas e idéias entre ambos e alguns outros participantes do Cenáculo e das Conferências do Casino, como Teófilo Braga, Eça de Queiroz, Jaime Batalha Reis, e também com alguns membros da geração liberal como Alexandre Herculano e Castilho.<sup>3</sup>

A dinâmica epistolar e a atividade intelectual de toda a geração, guardadas as diferenças quer de carreira, quer de caminho teórico, mostram sobretudo a coesão no propósito de reformar a nação a partir de si mesma, mediante acirrada crítica à doutrina liberal. Fernando Catroga afirma que desde a década de 1850, vinham se desenvolvendo trabalhos de crítica aos princípios liberais adotados pela sociedade e o governo português, mas só a partir de 1870 surgiram propostas sistematizadas com o fim de predizer os “malefícios trazidos pela ordem liberal”. De fato, os primeiros revisores da doutrina liberal e do individualismo na constituição da sociedade portuguesa se aproximaram do republicanismo e do positivismo, embora esse último tenha servido de base teórica para pensadores sociais não republicanos, foi o caso de Antônio de Serpa Pimentel e Antônio Candido da Costa. Nos anos de 1870, discutia-se a dinâmica política, o regime de governo, a capacidade representativa do sistema vigente e o sufrágio. Caracterizando-se, progressivamente, uma mobilização dos opositoristas ao Partido Regenerador, o que viria, por um lado, a gerar o Centro Republicano Democrático (embrião do Partido Republicano), e por outro, a fortalecer e a aproximar do poder o Partido Progressista (chefiado por Anselmo Braamcamp).<sup>4</sup>

A diversificação da crítica às condições da sociedade portuguesa após 1870 dependera, afinal, da opção entre republicanismo e socialismo a fim de renovar os anseios reformadores surgidos nas décadas de 1820 e 1830. O modo como cada qual via a

---

<sup>3</sup> A. J. Saraiva, *A tertúlia ocidental. Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e outros*, 2ª ed. revista, Lisboa: Gradiva, 1995, p. 75.

<sup>4</sup> F. Catroga, “O problema político em Antero de Quental. Um confronto com Oliveira Martins”, *SEPARATA da Revista de História das Idéias*, vol. III, Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, 1981, pp.15-16.

atualidade e a tomava por matéria de trabalho correspondia à sua orientação política: os que se dedicaram ao desenvolvimento do republicanismo eram, em geral, adeptos das teorias de Comte, e os que se envolveram em movimentos operários e estudos de ordem socialista ou próprios ao socialismo de Proudhon. Polarização que pode ser ilustrada pelo rompimento de Teófilo Braga e Antero de Quental em 1872. A par de terem sido companheiros de formação e de polêmicas, desnecessário lembrar a importância de ambos na Questão Coimbrã, e também dos desdobramentos das discussões decorrentes desse rompimento, interessa-nos que as teses da querela diziam respeito à especificidade da constituição de Portugal na Península Ibérica. Teófilo Braga defendia a diferenciação racial dos portugueses frente aos demais povos da península, enquanto Quental apoiava a tese de Oliveira Martins, que, em sintonia com os estudos históricos de Herculano, afirmava que o ato de independência de Portugal deveu-se à vontade da população e de seus chefes.<sup>5</sup> Apesar da diferenciação política e teórica de Teófilo Braga frente ao socialismo ainda difuso de Oliveira Martins e Quental, todos primavam pela formação dos portugueses para uma época renova, gerada na consciência histórica da glória e da decadência dos ibéricos. Problematizavam, simultaneamente, a ordem social construída sob orientação da doutrina liberal e do individualismo, e a excepcionalidade da história de Portugal na península.

Tratava-se da busca das causas históricas que provassem a decadência dos povos peninsulares na atualidade do século XIX, tendo por referência a glória vivida no quinhentismo. No caso específico de Oliveira Martins e Quental, e também entre os que permaneceram juntos a eles, como Eça de Queiroz, a prova da decadência vinha sempre associada à formação católica jesuítica e à inibição das forças digamos criadoras do português. Os povos ibéricos precisavam, primeiro, se orgulhar de terem no passado o fato que inaugurou a história da Europa moderna: as navegações marítimas e a descoberta do Novo Mundo.<sup>6</sup> Época na qual, nas palavras de Quental, “a Europa tinha os olhos em nós, e na Europa a nossa influência nacional era das que mais pesavam”.<sup>7</sup> Deixava-se então ver a “fisionomia moral comum a todas as populações da Espanha”, caracterizada pelo “entusiasmo religioso que pomos nas coisas da vida” e pelo “heroísmo pessoal com que as

---

<sup>5</sup> A. J. Saraiva, *A tertúlia ocidental*, op. cit., p. 65.

<sup>6</sup> J. P. de Oliveira Martins, “Causas da decadência dos povos peninsulares”, op. cit., p. 192.

<sup>7</sup> Antero de Quental, *Causas da decadência do povos peninsulares nos últimos três séculos*, op. cit., p. 23.

realizamos”.<sup>8</sup> A partir da tese de que “os povos peninsulares são naturalmente religiosos” e de que apenas no século XVI a península expressou plenamente seu gênio místico e heróico, chegou-se enfim ao “caráter excepcionalmente estranho” da história peninsular.<sup>9</sup> Ainda que os anos de plenitude criadora também tenham sido tomados por anos em que ocorreu a perversão do gênio ibérico.

Nesses termos, a investigação da soma misticismo e heroísmo, quando associada ao caráter excepcional da história da Ibéria no século XVI, serve de fundamento para o gênio ibérico e seu percurso histórico da glória à decadência. O “naturalmente” religioso ou místico dos povos ibéricos, para Antero de Quental e Oliveira Martins, tem a particularidade de ser uma “afirmação da vontade humana” em sintonia com o atributo “criador e individualista” próprio a tais povos. Na condição do misticismo não ser filosófico ou metafísico, e sim moral, ignorar “completamente os dogmas, a teologia e os mistérios cristãos”, mas adorar “fielmente os santos padroeiros das suas cidades” por reconhecê-los como sua criação, serviu ao heroísmo como um acréscimo de força sobrehumana.<sup>10</sup> No entanto, Oliveira Martins advertira que o heróico só pôde obrigar “Deus a descer dentro da alma”, porque o misticismo foi formado no realismo. O herói, na excelência de sua energia humana ser a encarnação da vontade divina, guarda pela espada algo do mundo físico e não uma especulação idealista. Os sentimentos do herói, assim como os do místico, são sempre expressões reais, emoções dos sentidos, nunca “estados da razão especulativa”.<sup>11</sup>

Enquanto o misticismo e o heroísmo dos povos ibéricos tiveram ressonância na dinâmica histórica da Europa, seguiram-se anos de glória e excepcionalidade. A glória de exceder os outros povos europeus por estudos geográficos que permitiram as navegações marítimas. A excepcionalidade de participar do fato que tirou a Europa do curso ordinário de seu desenvolvimento: as descobertas. Até então estruturada na exploração de suas próprias riquezas pelo trabalho dos seus habitantes, a partir das navegações marítimas e das descobertas de novos continentes, a Europa passou a ser uma Roma ou uma Cartago, ou

---

<sup>8</sup> J. P. de Oliveira Martins, “Introdução. O território”, in *História da Civilização Ibérica*, op. cit., p. 29.

<sup>9</sup> Antero de Quental, *Causas da decadência do povos peninsulares nos últimos três séculos*, op. cit., pp. 20-21, e, J. P. de Oliveira Martins, “O gênio peninsular”, in *História da Civilização Ibérica*, op. cit., p. 155

<sup>10</sup> J. P. de Oliveira Martins, “O misticismo”, in *História da Civilização Ibérica*, op. cit., p. 160, e, Antero de Quental, *Causas da decadência do povos peninsulares nos últimos três séculos*, op. cit., pp. 20-21.

<sup>11</sup> J. P. de Oliveira Martins, “O misticismo”, in *História da Civilização Ibérica*, op. cit., pp. 160-162.

seja, “um centro ou foco de onde irradia um poder dominador e explorador”, “a metrópole do globo terrestre”.<sup>12</sup> Para Oliveira Martins, a descoberta do Novo Mundo teria mesmo provocado uma “paralisação da história”, a impossibilitar o “desenvolvimento normal das classes na sociedade”, devido ao “reaparecimento da escravidão” e a “constituição de uma aristocracia do dinheiro sem base histórica ou moral”. Entretanto, “acabar de descobrir e avassalar a superfície do Globo era uma fatalidade para a Europa, e, desde que tal fato se desse, as consequências perturbadoras haviam de sentir-se.”<sup>13</sup>

Na Ibéria, as “consequências perturbadoras” das navegações marítimas para o Oriente e o Ocidente e da descoberta do Novo Mundo foram sentidas na corrupção dos valores, decorrente da absorção dos tesouros vindos d’além-mar. A corrupção dos valores, quer para Oliveira Martins, quer para Qüental, correspondeu à perversão do misticismo em purificação da fé católica, e, do heroísmo no desvario guerreiro das conquistas e da colonização, ocorrida a partir de fins do século XVI. Se a busca de riquezas noutros continentes e a propagação da fé cristã foram episódios comuns à história européia, plenamente atendidos pelo gênio peninsular; a inibição da produção de riquezas na metrópole, a falta de estímulos à ciência e a obsessão pela purificação da fé católica pertenceram exclusivamente à história ibérica, em franco afastamento dos interesses europeus. A perversão do gênio místico e heróico, criado no realismo, aconteceu no momento em que os ibéricos adotaram a monarquia absoluta e o catolicismo jesuítico e inquisitorial, em detrimento do desenvolvimento da ciência e do incentivo a um novo grupo social: a “aristocracia do dinheiro”. Isso porque, embora sejam todas consequências das descobertas, apenas essas últimas foram acontecimentos inovadores, pois a ciência engrossou as fileiras dos que julgavam a religião como algo pernicioso ao “desenvolvimento do espírito humano”, e o grupo social enriquecido no comércio findou por incrementar atividades produtivas, primeiro, nos campos, e, em seguida, nas cidades. Ao passo que “o poder absoluto” promoveu tanto a “ruína das instituições locais”, quanto “impediu o desenvolvimento da burguesia, a classe moderna por excelência”.<sup>14</sup> Afinal, nas

---

<sup>12</sup> J. P. de Oliveira Martins, “O misticismo”, in *História da Civilização Ibérica*, op. cit., p. 159, e, Antero de Qüental, *Causas da decadência do povos peninsulares nos últimos três séculos*, op. cit., p. 23.

<sup>13</sup> J. P. de Oliveira Martins, “O misticismo”, in *História da Civilização Ibérica*, op. cit., p. 160.

<sup>14</sup> J. P. de Oliveira Martins, “O misticismo”, in *História da Civilização Ibérica*, op. cit., pp. 158-159, e, Antero de Qüental, *Causas da decadência do povos peninsulares nos últimos três séculos*, op. cit., pp. 23-24 e 47-49.

palavras de Oliveira Martins: “...a Inquisição é também uma arma que serve nas mãos do monarca para acabar de submeter essa nobreza semi-feudal criada pela Reconquista, porque perante a fé não há privilegiados e ninguém está ao abrigo das iras do terrível tribunal.” Com a educação jesuítica, o “sentimento cristão” dos ibéricos, até então místico e heróico, reformou-se em “métodos de ensino” que “esterilizam as inteligências, dirigindo-se à memória, com o fim de matarem o pensamento inventivo” e submeterem em definitivo a “vontade individual”.<sup>15</sup>

Corrompida pela exploração aurífera da América, a Espanha “vai descendo os degraus do túmulo” e sente “acordar na sua alma as vozes das antigas idades”. Enfim, sentenciou Oliveira Martins: “as montanhas de prata que vieram para Espanha e todo o ouro e diamantes que vieram para Portugal, causaram o empobrecimento da Península”; paradoxo já assinalado por Quental: “nunca povo algum absorveu tantos tesouros, ficando ao mesmo tempo tão pobre”.<sup>16</sup> Mas até na morte “a Espanha é heróica”, e Portugal épico, como provam Cervantes, que condenou não só a cavalaria medieval, mas “a teimosia louca num heroísmo já sem significação nem alcance”, e Camões, cuja obra “*Os Lusíadas* são um epitáfio” da nação.<sup>17</sup> No entanto, enquanto Cervantes perseguiu a cura do delírio da aventura através da convalescença de d. Quixote, Camões pregou “a quimera de uma aventura desesperada a uma nação agonizante”, por meio da denúncia da perseguição da glória na voz do Velho do Restelo.<sup>18</sup>

De fato, para Oliveira Martins, as medidas dos reis de Portugal e Espanha para conter o fluxo de riquezas das colônias para a Europa, mostram que “passados 25 anos depois da descoberta da Índia”, Portugal “já não podia conservar as praças de África”.<sup>19</sup> Assim, a atmosfera em Portugal de fins do século XVI, ia adequando-se ao sentimento ou ao desejo do retorno à glória perdida. Tudo porque a nação que “fora um ser vivo e forte no século XIV”, “era um corpo moribundo no séc. XVI”. O príncipe d. Sebastião, beato e castro,

---

<sup>15</sup> J. P. de Oliveira Martins, “Santo Inácio de Loiola”, in *História da Civilização Ibérica*, op. cit., p. 169, e, Antero de Quental, *Causas da decadência do povos peninsulares nos últimos três séculos*, op. cit., pp. 44 e 38.

<sup>16</sup> J. P. de Oliveira Martins, “Causas da decadência dos povos peninsulares”, in *História da Civilização Ibérica*, op. cit., p. 196, e, Antero de Quental, *Causas da decadência do povos peninsulares nos últimos três séculos*, op. cit., p. 27.

<sup>17</sup> J. P. de Oliveira Martins, *História de Portugal*, 16<sup>a</sup> ed., Lisboa: Guimarães editores, 1972, pp. 19 e 23.

<sup>18</sup> J. P. de Oliveira Martins, *História de Portugal*, op. cit., p. 349.

<sup>19</sup> J. P. de Oliveira Martins, “Causas da decadência dos povos peninsulares”, in *História da Civilização Ibérica*, op. cit., p. 196.

tinha vaga percepção disso e de que podia atender-lhe o desejo.<sup>20</sup> Indo d. Sebastião, segundo Quental, como discípulo dos jesuítas, “morrer nos areais de África pela fé católica, não pela nação portuguesa”. Para ambos, a intenção do príncipe era reviver o passado, refazer as ações dos antigos reis que conquistaram a independência de Portugal e a Índia.<sup>21</sup>

O reinado de d. Sebastião iniciou-se numa atmosfera lúgubre, a população havia decrescido, morreram muitos, alguns nas pestes que assolaram Lisboa ao longo de todo o século XVI, outros nas aventuras de conquista da Índia. O reino endividara-se para financiar as conquistas. Os produtos de toda ordem encareceram e a miséria corrompia a toda a gente. Por conta disso, o estado lamurioso e beato, vivido pelos portugueses quando da chegada das notícias do fracasso na África pouco se diferenciava do que se vivia antes da partida. À fraqueza do povo e de seus governantes correspondeu a força da quimera sebastianista, pois, nas palavras de Quental, “essa monarquia, acostumando o povo a servir, habituando-o à inércia de quem espera tudo de cima, obliterou o sentimento instintivo da liberdade, quebrou a energia das vontades, adormeceu a iniciativa”. Uma vez “cadavéricos”, corrobora Oliveira Martins, os portugueses não puderam resistir às “tentações frias” do jesuitismo: obediência e abdicação.<sup>22</sup> O reino pleno de forças pessoais, palco dos heroísmos principescos, foi autônomo e independente, místico, aventureiro e conquistador, porém, uma vez tutelado pela Companhia de Jesus, conformou-se em ser obediente e devoto, estéril de vontade e pessoalidade. Permaneceu moribundo e decadente, a ponto de Oliveira Martins poder afirmar que, no séc. XVII, a Companhia de Jesus e Portugal “são uma e a mesma coisa”, e até mesmo tomar Vieira pelo “tipo do Portugal restaurado”, aquele que deu forma nova ao sebastianismo pela profecia do V Império no *História do Futuro*.<sup>23</sup> Vale lembrar que, para Oliveira Martins e Antero de Quental, o Portugal jesuíta dos seiscentos se perpetuara na decomposição da nação ao longo dos últimos três séculos: XVII, XVIII e XIX.

Uma vez caracterizada a comunhão de idéias entre Oliveira Martins e Antero de Quental no que diz respeito à causas da decadência, é possível pensarmos a intensidade e a

---

<sup>20</sup> J. P. de Oliveira Martins, *História de Portugal*, op. cit., pp. 201-202 e 343.

<sup>21</sup> Antero de Quental, *Causas da decadência do povos peninsulares nos últimos três séculos*, op. cit., p. 46, e, J. P. de Oliveira Martins, *História de Portugal*, op. cit., pp. 343-344 e 350.

<sup>22</sup> Antero de Quental, *Causas da decadência do povos peninsulares nos últimos três séculos*, op. cit., p. 50, e, J. P. de Oliveira Martins, *História de Portugal*, op. cit., pp. 362-381.

<sup>23</sup> J. P. de Oliveira Martins, *História de Portugal*, op. cit., p. 395.

abrangência do desafio intelectual e nacionalista de toda essa geração. Não que fossem menos importantes as relações entre ambos e os demais membros do Cenáculo e das Conferências, ou mesmo com os românticos da geração anterior, quer os ainda vivos, Castilho e Herculano, quer com a obra do falecido Almeida Garrett. Todavia, a composição das “Causas da decadência dos povos ibéricos” expressa sobretudo um desafio teórico, exigia-se ultrapassar a narrativa romântica que fez a genealogia da nação, presente na *História de Portugal* e nos romances históricos de Alexandre Herculano, assim como no teatro, na poesia e na prosa de Almeida Garrett, sem perder os ganhos críticos acumulados desde o século XVIII a partir das obras de Verney e dos poetas árcades. Não por acaso, o programa das Conferências Democráticas determinava “investigar como a sociedade é, e como ela deve ser”.<sup>24</sup> Tratava-se, por conseguinte, de perpetuar e ampliar uma determinada visão do estado atual das coisas de Portugal a fim de fazer valer os ensinamentos deixados pela geração romântica e liberal, e simultaneamente, ultrapassá-los pela construção de um sistema ainda mais elucidativo e esclarecedor.

“Investigar como a sociedade é”, ou seja, requerer o máximo de realismo na aproximação dos acontecimentos, na abordagem dos costumes, na narrativa dos fatos da história, na crítica da atualidade; “e como ela deve ser”, forjar a melhor maneira de integrar Portugal à civilização liberal, burguesa, capitalista e industrial. Quando Oliveira Martins escreveu para Teófilo Braga, ainda em 1870, para lhe confessar sua “ambição” de que “no futuro se possa dizer: havia alguém que não era míope”, deixou ver que a sistematização da decadência implicava todos se verem vivendo ainda sob sua influência.<sup>25</sup> Apesar de Herculano e Almeida Garrett terem consciência do estado decadente da nação, até porque assim estava formulado desde fins do século XVIII, foi a geração nova ou a geração de 1870 que se negou a reconhecer-se como algo distinto, regenerado, revolucionado. A formação jesuítica que fundamentou o sebastianismo, ou simplesmente a aspiração messiânica, pervertendo o realismo próprio ao misticismo e ao heróico, não estava sendo combatida por qualquer revolução, para os jovens de 1870, pois a teoria da regeneração

---

<sup>24</sup> “Programa das Conferências Democráticas Estabelecidas na Sala do Casino. Largo da Abegoaria” (Lisboa, 16 de maio de 1871), in Antero de Quental, *Causas da decadência do povos peninsulares nos últimos três séculos*, op. cit., p. 09.

<sup>25</sup> A. J. Saraiva, *A tertúlia ocidental*, op. cit., p. 31.

ainda era salvacionista, apesar de liberal e individualista, e suas conquistas materiais não promoviam o enriquecimento espiritual dos portugueses.

Precisamos ter clareza de que a tradição decadentista, de “gosto do real” e aspiração messiânica corresponde menos ao acolhimento fraterno da conduta crítica de denúncia das condições nacionais do que o enfrentamento dos limites impostos pela consciência da necessidade de tal conduta. A busca das causas da decadência dos ibéricos era o primeiro passo em direção à determinação da particularidade da história de Portugal na dinâmica européia durante a idade moderna. Todavia, o ponto de inflexão provocado pela busca das causas está justo no reconhecimento de que a história da nação não avançou em direção à modernidade, apesar de ter participado de sua gênese. Para Oliveira Martins, a crise na qual entraram a Espanha, depois da derrota da Grande Armada em 1588, e Portugal, depois de Alcácer Quibir em 1578, são consequências ordinárias da imensa aventura que viveram os ibéricos. Tanto que escrevera: “Assim como o excessivo trabalho consome o corpo .... assim acontece aos povos que um dia executaram uma grande obra ou viveram de uma ardente idéia.” Os ibéricos não foram derrubados pelos protestantes, nem pelos judeus e mouros, mas pelo “espírito moderno”, que eles mesmos fomentaram quando defenderam “a dignidade da razão humana” em Trento e descobriram no Oriente e no Ocidente “os mundos ignotos”.<sup>26</sup> Logo, a fixação das causas da decadência corrobora a conduta crítica de denúncia, o que tornava inevitável o retorno eterno ao princípio de crise na observação e pronunciamento das condições nacionais, se assim se possibilitava a substancialização da excepcionalidade do papel da nação portuguesa na história moderna.

Nesses termos, conclui-se que a caracterização da tradição decadentista diz respeito a ter o realismo como o formalizador do misticismo ou da religiosidade e do heroísmo dos portugueses, mediante a declaração de que a ânsia messiânica significou antes a renovação de ambos. No artigo “A supressão das Conferências do Casino (1871)”, Alexandre Herculano, preocupado com o motivo alegado para a supressão – o de trazer perigo ao catolicismo, a religião oficial do Estado a partir da Carta Constitucional de 1826 –, reiterou a influência do clero, “jesuíta ou não-jesuíta”, em uma sociedade cuja ignorância das multidões lhes levava a crer em “bruxas” e “milagres”, enquanto o ceticismo das “minorias

---

<sup>26</sup> J. P. de Oliveira Martins, “Causas da decadência dos povos peninsulares”, in *História da Civilização Ibérica*, op. cit., p. 205.

inteligentes” renegavam “uma voz interior que fala de Deus”.<sup>27</sup> No século XX, Antônio Sérgio, ao escrever “Sobre o caráter do socialismo de Antero”, para renegar a “incompatibilidade lógica entre o espírito cristão e o socialismo”, insistiu numa experiência mística que, como havia proposto na crítica da lírica e da épica de Camões, “pelo exercício do pensar se vai transformando-se” e concebendo “a possibilidade de uma identificação com Deus por meio de uma espiritualidade puramente intelectual”.<sup>28</sup> Ora, assim sendo, a conjugação entre realismo, religiosidade e heroísmo, decorre da excelência atribuída à experiência sensível. Não por acaso, Antônio Sérgio afirmou, em “O reino cadaveroso ou o problema da cultura em Portugal”, que “essa visão da realidade exótica puderam tê-la os nossos avós nas suas grandes navegações; notaram os enganos das Autoridades (profanas e eclesiásticas), e perderam portanto perante os textos a atitude da superstição”.<sup>29</sup> Quer nas palavras da geração anterior, quer nas da posterior, à de 1870, e que tiveram com essa mesma uma relação de hereditariedade, tratava-se de ouvir a “voz interior” e experienciar o mundo no firme propósito de que não se abandonasse a “defesa moral” dos fundamentos da humanidade.<sup>30</sup>

É a exigência moral frente à experiência sensível que fez o realismo se perpetuar na renovação do misticismo e do heroísmo pela ânsia messiânica. O sebastianismo nos foi apresentado, por Oliveira Martins, como “prova póstuma da nacionalidade”, ou seja, prova de que por ato de vontade constituiu-se a nação heróica do século XIV, que, por “desesperança”, enlutou-se no messianismo.<sup>31</sup> A nação “restaurada à independência política” no século XVII, através da *História do Futuro* do padre Antônio Vieira, viu a “doença” do sebastianismo reverdecer-se “sob a forma nova de um sonhado império, profetizado desde Isaiás e David até S. Frei Gil de Santarém”.<sup>32</sup> No prefácio de Hernani Cidade ao primeiro volume da *História do Futuro*, lemos que, em uma carta de 1664, Vieira afirmava ser d. Afonso VI o ‘verdadeiro encoberto profetizado’ e não d. Sebastião, e

---

<sup>27</sup> A. Herculano, in *Opúsculos*, tomo I: Questões públicas, 5ª ed., Lisboa: Casa Bertrand/José Bastos e C., 1907, pp. 286-287.

<sup>28</sup> A. Sérgio de Sousa, “I. Glosas sobre algumas pegadas na areia do tempo. 1. Sobre a canção segunda de Camões; 3. Sobre o caráter do socialismo de Antero”, in *Obras Completas. Ensaios*, tomo VII, Lisboa: Sá da Costa, 1974, pp. 17-36 e 73-76, respectivamente.

<sup>29</sup> A. Sérgio de Sousa, in *Obras Completas. Ensaios*, tomo II, Lisboa: Sá da Costa, 1974, pp. 33-34.

<sup>30</sup> A. Herculano, “A supressão das Conferências do Casino (1871)”, in *Opúsculos*, op. cit., p. 276.

<sup>31</sup> J. P. de Oliveira Martins, “O Sebastianismo”, in *História de Portugal*, op. cit., pp. 372-375.

<sup>32</sup> J. P. de Oliveira Martins, “A educação dos jesuítas”, in *História de Portugal*, op. cit., p. 397.

em outra de 1679, ele admitia a ‘segunda vinda de Cristo’ somente em ‘espírito’.<sup>33</sup> A *História do Futuro* consoma na ordem teleológica da história dos impérios da antiguidade à modernidade, a ordem teológica trazida à luz pelos profetas. Vieira engendrou, pela exegese bíblica e o estudo das profecias de beatos e de homens comuns, uma finalidade para o processo histórico de Portugal, qual seja, a “futura unidade político-religiosa do Mundo” germinada “na necessidade da conversão dos incontáveis pagãos espalhados pelo Ultramar”. Tomando os Descobrimentos portugueses “por prerrogativa dos tempos”, o que lhe possibilitava melhor entendimento das Escrituras.<sup>34</sup>

Ainda que não possamos por ora ler apuradamente o *História do Futuro*, as informações que nos foram oferecidas pelo prefácio de Hernani Cidade nos permite vislumbrar que se, de fato, o Portugal seiscentista não significou a restauração da glória nacional à semelhança dos quinhentistas, nem por isso deixou de perpetuar o apressado ao realismo e ao universalismo ou cosmopolitismo que os séculos XVIII e XIX, tanto fizeram reconhecer nos quinhentistas, quanto exigiram dos brios nacionais reformadores. A profecia de um mundo unificado na fé cristã tendo por ponto de partida a evangelização da América pelos ibéricos, destacadamente, por Portugal, de modo algum era algo imaginoso ou fantasioso no complexo de estudos bíblicos de Vieira. Tratava-se da observação e da tentativa de orientação pragmática de ações coloniais próprias à sociedade que, nas palavras de Oliveira Martins, vivia sob o regime da fé católica reformada.<sup>35</sup> É afinal o realismo e o cosmopolitismo que fazem a linha de continuidade entre a glória quinhentista e a decadência posterior, não só porque são ambos atributos da prática comum às navegações portuguesas de fins do século XV e primeira metade do XVI, senão porque esteiam quer a denúncia da decadência, quer a aspiração messiânica presente na reforma da cultura em Portugal.

Afinal, a conferência de Antero de Quental e o capítulo de Oliveira Martins sobre as causas da decadência são valiosos justo porque têm, por princípio, a idéia em geral aceita de que a decadência está sendo vivida e pode mesmo ser provada nas coisas, nos costumes, na inteligência ou mesmo na estupidez dos portugueses; e, por horizonte, a demanda do

---

<sup>33</sup> Pe. A. Vieira, apud Hernani Cidade, “Prefácio”, in *Obras Escolhidas. História do Futuro (I)*, vol. VIII, Lisboa: Sá da Costa, 1953, pp. xvi e xxxiv.

<sup>34</sup> Pe. A. Vieira, apud Hernani Cidade, “Prefácio”, op. cit., pp. xxvi e xlvi.

<sup>35</sup> J. P. de Oliveira Martins, “Causas da decadência dos povos peninsulares”, in *História da Civilização Ibérica*, op. cit., p. 197.

futuro redentor não apenas dos males nacionais senão da civilização cristã européia. E isso está no presente como futuro do pretérito, i.e., perpetua-se na noção de promessa não cumprida. Lembremo-nos da preciosa sentença de Antônio Sérgio em “O Reino Cadaveroso”: “O espírito português do Quinhentismo – foi promessa que se não cumpriu”.<sup>36</sup> Somemos à sentença do herdeiro o desígnio herdado. Cerca de 50 anos antes, Quental havia encerrado assim sua conferência: “o Cristianismo foi a Revolução do mundo antigo: a Revolução não é mais do que o Cristianismo do mundo moderno”.<sup>37</sup> Não seria forçoso concluirmos que o espírito do quinhentismo mudou e unificou o mundo moderno, assim como o cristianismo mudou e unificou o mundo antigo, donde nasce a promessa, ora associada à idéia da Revolução, de que o mesmo dar-se-ia no futuro por obra dos portugueses. Não por acaso, Quental se envolveu na instalação de uma Secção da Internacional em Portugal e Oliveira Martins escreveu, nos anos de trabalho junto aos mineiros espanhóis, uma obra dedicada à *Teoria do Socialismo*.

### Bibliografia

- CATROGA, F. “O problema político em Antero de Quental. Um confronto com Oliveira Martins”, SEPARATA da *Revista de História das Idéias*, vol. III, Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, 1981.
- HERCULANO, A. *Opúsculos*, tomo I: Questões públicas, 5<sup>a</sup> ed., Lisboa: Casa Bertrand/José Bastos e C., 1907.
- OLIVEIRA MARTINS, J. P. de. *História da Civilização Ibérica*, s/l: Publicações Europa-América, s/d.
- \_\_\_\_\_. *História de Portugal*, 16<sup>a</sup> ed., Lisboa: Guimarães editores, 1972.
- QUENTAL, Antero de. *Causas da decadência do povos peninsulares nos últimos três séculos*, Lisboa: Guimarães editores, 2001.
- SARAIVA, A. J. *A tertúlia ocidental. Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e outros*, 2<sup>a</sup> ed. revista, Lisboa: Gradiva, 1995.
- SÉRGIO de SOUSA, A. *Obras Completas. Ensaio*, tomo VII, Lisboa: Sá da Costa, 1974.

---

<sup>36</sup> A. Sérgio de Sousa, in *Obras Completas. Ensaio*, tomo II, Lisboa: Sá da Costa, 1974, p. 27.

<sup>37</sup> Antero de Quental, *Causas da decadência do povos peninsulares nos últimos três séculos*, op. cit., p. 62.

\_\_\_\_\_. *Obras Completas. Ensaio*s, tomo II, Lisboa: Sá da Costa, 1974.

VIEIRA, pe. Antônio. *Obras Escolhidas. História do Futuro (I)(II)*, CIDADE, H. e SÉRGIO de SOUSA, A. (prefácios e notas). vol. VIII, Lisboa: Sá da Costa, 1953.